

A CORAGEM COMO MÉTODO:¹

Uma virtude na identidade de pesquisadores latino-americanos

Paulo Vitor GIRALDI PIRES²

Universidade de Brasília (UnB), DF

Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Macapá, AP

RESUMO

Este texto objetiva compreender a coragem como método³ indispensável no tecido da pesquisa científica, sendo uma característica na identidade de pensadores latino-americanos da Comunicação. Diante dos recentes ataques e desvalorização da Educação Pública e da Ciência no Brasil, faz-se oportuno debater a natureza da coragem como uma virtude moral - instrumento de resistência, cidadania e democracia. A problemática está em diferenciar o covarde, sem esperança, da pessoa corajosa que tem disposição voltada para a esperança e humildade. A hipótese, à luz aristotélica, é de que o pesquisador corajoso tem autodomínio, busca agir com prudência e moralmente, já que as virtudes éticas derivam das práticas e ações. O estudo tem amparo teórico nas reflexões de Eco (2014) sobre a ‘humildade científica’ e na definição de coragem por Aristóteles.

PALAVRAS-CHAVE: coragem; método; identidade; pesquisa; América Latina.

INTRODUÇÃO

O pensamento do patrono da educação brasileira, o pernambucano Paulo Freire, torna-se singular diante do caos no ensino público e crise da democracia. Em 1999, em na ‘Educação como prática da liberdade’, ele já dizia: “A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa” (FREIRE, 1999, p. 97, grifos nossos).

Este ano de 2019, inigualável, é marcado pelo Golpe de Estado contra à Educação Pública e Ciência no Brasil, por parte do Governo Federal. Os recentes ataques, postura medíocre e sórdida de ‘facções políticas’ para desmanche das estruturas de ensino e universidades, desrespeitam uma trajetória histórica de lutas e conquistas na democratização do saber. Dados da pesquisa da Organização para a Cooperação e

¹ Trabalho apresentado no GP América Latina, Mídia, Cultura e Tecnologias Digitais, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor Permanente do Colegiado de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Doutor em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB), e-mail: paulogiraldi2@gmail.com.

³ O termo é entendido como ‘caminho, percurso, trajetória’. Conceitos explorados por René Descartes, ao inferir as regras morais do método para bem-conduzir a razão e buscar a verdade nas ciências.

Desenvolvimento Econômico (OCDE) ⁴, de 2017, revelaram que o Brasil é o país que menos gasta com a educação primária, cerca de US\$ 3,8 mil (R\$ 11,7 mil), anualmente, por aluno do primeiro ciclo do ensino fundamental (até a 5ª série).

Nos últimos quatro anos (2014-2018), o investimento em Educação no Brasil caiu 56%, o que significa R\$ 11,3 bilhões para R\$ 4,9 bilhões. Após a demissão do ministro da Educação, Ricardo Vélez Rodríguez, e nomeação de Abraham Weintraub, em abril deste ano, novos cortes lineares foram brutalmente anunciados.

No mês de maio, o ministro Abraham anunciou o bloqueio de 30% dos recursos de três universidades federais: UnB (Universidade de Brasília), UFBA (Universidade Federal da Bahia) e UFF (Universidade Federal Fluminense). A decisão foi simplesmente um ato de punir universidades por 'balbúrdia'⁵, com a justificativa de terem realizado eventos políticos e manifestações partidárias – o que deveria ser normal no universo universitário próprio da promoção da diversidade e pluralidade de pensamentos.

O que o ministro não sabia é que a 'balbúrdia' da UnB, por exemplo, a classificou como uma das melhores universidades da América Latina, no ranking 2019 da publicação britânica THE (*Times Higher Education*), passando da 16ª em 2018, para 15ª neste ano. O resultado dessa balbúrdia é o ensino de qualidade, pesquisas inovadoras e extensões premiadas, além de centenas de projetos desenvolvidos por alunos e professores com a sociedade. De acordo com informações do relatório, o avanço da colocação da UnB no ranking, significa maior investimento na pesquisa científica nos últimos anos. A THE analisou cinco aspectos das universidades: ensino (ambiente de aprendizagem); pesquisa (volume, renda e reputação); citações (influência da pesquisa); perspectiva internacional (pessoal, estudantes e pesquisa); e renda da indústria (transferência de conhecimento).

Entre as 150 melhores universidades, 52 são brasileiras, como UnB, UFRGS, UFRJ, UFBA, UFSCAR, Unesp, Unicamp, USP, entre outras. Quem lidera no ranking é a Pontifícia Universidade Católica do Chile (PUC do Chile). Mesmo com todo esse reconhecimento dos trabalhos das universidades, no mês de junho, foi anunciado o corte de 2,7 mil bolsas de mestrado, doutorado e pós-doutorado no Brasil, pelo CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). Ao todo foram

⁴ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-41236052/> Acesso em: 10 de jun. de 2019.

⁵ Para o ministro Abraham Weintraub, 'balbúrdia' é tudo o que vem produzindo as universidades públicas, ou seja, muita bagunça. Para ele: nada!

cortadas 2.331 bolsas de mestrado, 335 de doutorado e 58 de pós-doutorado. O bloqueio representou uma redução de R\$ 4 milhões, em 2019, e até 2020 chegará a R\$ 35 milhões.

Todos esses recortes da atual conjuntura representam o cenário de ataques e desvalorização da Educação Pública e da Ciência no Brasil. Contudo, a coragem de homens e mulheres dedicados à produção científica na América Latina, não permitem parar essa luta intelectual. As pesquisas confirmam esses resultados: *‘Brasil sobe no ranking mundial da ciência’* (Valor Econômico, 2019); *‘Brasil sobe 5 posições em ranking mundial de inovação’* (Portal G1, 2018), *‘Brasil está entre 25 primeiros lugares no ranking de artigos científicos’* (Nature Index, 2017). Outro recente levantamento da Folha de S. Paulo, de junho deste ano, constatou que as *‘Ciências humanas levam Brasil à elite da produção científica’*. O RUF (Ranking Universitário Folha) utilizou dados da base internacional *Web of Science*, indicando que entre 2006 a 2017, “as ciências sociais aplicadas, as humanidades e a linguística cresceram mais aceleradamente — respectivamente, 77%, 123,5% e 106% no mesmo período”⁶.

É a partir desse contexto complexo, que este texto é proposto, no intuito de compreender a coragem como método, indispensável, na produção científica e na ciência da vida, além de ser característica presente na identidade de cientistas latino-americanos da Comunicação, especialmente brasileiros, que corajosamente lutam em defesa da Educação no Brasil. Diante de tantos ataques, faz-se necessário debater a natureza da coragem como uma virtude moral, necessária, na atividade de docentes e pesquisadores.

Este ensaio resgata o pensamento de Umberto Eco (2014) sobre a ‘humildade científica’ e a definição de coragem por Aristóteles; reflexões oportunas para esse momento complexo da vida acadêmica nas universidades brasileiras. Considera-se, portanto, imperativo, na produção de conhecimento, uma postura respaldada por atos de coragem e de humildade, visando o fortalecimento da trajetória na pesquisa científica, desta geração de jovens inovadores, unidos aos cientistas precursores e protagonistas.

O cenário de ataques revela esse embate entre o conhecimento e a ignorância da tirania, uma inversão do papel do Estado democrático de direito. Para Barker (1978, p. 365), [...] o Estado é um ser moral (*être moral et collectif; persone morale*), com uma vontade coletiva, soberana e orientada para o seu bem-estar”.

⁶ Publicação do Jornal Folha de S. Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2019/06/ciencias-humanas-levam-brasil-a-elite-da-producao-cientifica.shtml> Acesso em: 10 jun. de 2019

Nesta ambiência, a pesquisa amparada na esperança é uma arma de luta democrática e de resistência cidadã; um mecanismo infalível para vencer o tirano. Realizando atos de coragem – como método: exercício diário, é possível tornar-se corajoso, e empreender bons resultados. A hipótese, à luz aristotélica, é de que o pesquisador corajoso tem autodomínio, busca agir com prudência e moralmente, já que as virtudes éticas derivam do costume e se aprendem no dia a dia, assim como o hábito da coragem.

É preciso vencer a tirania covarde, com coragem, sendo uma meta – um método a seguir, indispensável à pesquisadores que dedicam suas vidas ao pensamento científico e comunicacional. Por isso, para Aristóteles, a coragem é uma virtude – um comportamento movido pela razão, para controlar um certo tipo de sentimento e para agir corretamente em uma determinada situação, e mesmo no fazer ciência. Pois, “o bom de um procedimento científico é que ele nunca faz os outros perderem tempo [...]” (ECO, 2014, p. 31). As provocações deste texto orientam-se no entendimento da coragem como método –, a partir da Ética a Nicômaco, sendo um meio-termo entre confiança e medo; além dos opostos: audácia/temeridade e covardia.

Pesquisa científica: coragem e esperança

Quem nunca pensou em desistir do árduo caminho da pesquisa científica? Abandonar o barco da vida acadêmica e jogar tudo para cima: sair correndo! Mas diante de tantos desafios, o desejo e paixão pelo conhecimento que transforma falam mais alto. Você já deve ter ouvido: ‘fazer doutorado é loucura’, ‘viver de pesquisa não dá futuro’, ‘você é corajoso de estudar tanto’, etc. Essas são atitudes revolucionárias de coragem!

Ao contrário do que se pensa, corajoso não é aquele que permanece sem medo diante dos perigos eminentes. Esse age com *temeridade* - ousadia excessiva; imprudência. O temerário é audacioso, arrojado e intrépido, mas não é definitivamente corajoso. O corajoso é oposto a isso, pois para ele, a confiança e *esperança*⁷ não carecem. “[...] a *coragem* é um meio-termo em relação às coisas que inspiram confiança e àquelas que inspiram temor [...]; e o homem corajoso escolhe ou suporta essas coisas porque é nobre fazê-lo ou porque é vergonhoso não fazê-lo”⁸. Coragem é um hábito, prática, exercício. É o mesmo que a bravura e a firmeza.

⁷ É.N. III, 1116a, 10 (Ética à Nicômaco)

⁸ Cf. Nas Virtudes Teológicas, em Santo Agostinho, enfrentar os perigos na esperança de obter algum bem.

Contudo, a trajetória na pesquisa científica (vida acadêmica) exige doses de *indignação*. Ao debruçar-se sobre um objeto de estudo, as inquietações geram as problematizações para se pensar. Mas, o caminho não é fácil e exige atitudes corajosas. Muitos deixam tudo para ‘viver de pesquisa’, com apenas a bolsa do mestrado ou doutorado. No percurso incerto é preciso ter esperança e temor. A coragem torna-se aliada no caminhar, um método necessário nas práticas da pesquisa e nos hábitos do pesquisador.

A história da América Latina é marcada por lutas democráticas. O professor José Marques de Melo alertava sobre a ‘síndrome do colonizado’ dos pesquisadores latino-americanos da Comunicação. Esse mesmo pensamento foi recordado por Freire (1967, p. 66): “O Brasil nasceu e cresceu sem experiência de diálogo. De *cabeça baixa*, com receio da Coroa. Sem imprensa. Sem relações. Sem escolas. *Doente*. Sem fala autêntica”. Contudo, a bravura dos povos tornou-se motor de luta, resistência e superação.

No Brasil, o ano de 2019 é marcado por atos de coragem. A população foi às ruas (dias 15 e 30 de maio) – tendo como método a coragem, em defesa da Educação Pública e do Estado democrático de direito. Pois, defender a Constituição Federal, assim como viver as aventuras na produção científica, exigem coragem, esperança e alteridades.

O país de Paulo Freire, Anísio Teixeira, Padre Antônio Vieira, Monteiro Lobato, Cora Coralina, entre tantos outros educadores, passa por crises da democracia. Como já previa Barker (1978, p. 247), “a democracia é marcada, assim, pela fraqueza, e não pela malícia; mas é a malícia e não fraqueza, que caracteriza a tirania”. E, ainda, segundo o autor, “[...] o tirano se empenha em política belicosa, que distrairá a atenção do povo dos assuntos internos do país, e reforçará a sua liderança política” (idem).

Aqui é oportuno recordar os pensamentos da professora Marilena Chauí quando diz ser preciso ‘derrubar o tirano’, tirando dele o seu poder: não lhe dando nossos olhos e ouvidos, nossas mãos e nossos pés. A sociedade tirânica é dos poderosos perversos.

Quando aqueles que o ajudaram a galgar ao poder começam a criticá-lo, o tirano os afasta; finalmente, levado pelo temor à crítica, rejeitará todos os elementos de coragem, magnanimidade e discricção. [...] para se manter no poder, é obrigado a secularizar a propriedade religiosa, a confiscar as terras dos ricos, e – agindo como um parricida – a oprimir o povo que o levou ao poder (BARKER, 1978, pp. 247-248, grifos nossos)

O pensamento de Chauí (2019) e Barker se atualizam, ao descreverem o cenário da conjuntura da política brasileira. O tirano temerário subestima a coragem do seu povo.

Abrir novos caminhos: uma meta

A coragem não é um método tradicional (método no cânone), com dimensões de cientificidade, mas um procedimento necessário na estruturação do pensamento científico. Etimologicamente, método, do grego *méthodos*, é a fusão das palavras *meta* (além, depois, meio) e *adós* (caminho, rua). Na pesquisa científica é preciso percorrer novos caminhos, ruas e estradas. Os métodos não podem limitar os passos do pesquisador, mas estimulá-lo a descobrir novos espaços de diálogo, intercâmbio de ideias e vozes.

O caminho se faz caminhando. O método não é um GPS. Justamente, errar o trajeto para onde se pretendia ir, pode ser a grande novidade da pesquisa. Romper com as ideias de certeza, positividade e ‘bons resultados’, para então perceber e ouvir o próprio objeto que fala. A definição de método, por Eco (2014), vai além das regras, para uma compreensão como instrumento de autocrítica ao longo de percurso científico, no diálogo e relação com os objetos estudados.

[...] um manual de instruções sobre como fazer uma casinha de cachorro não constitui trabalho científico, mas uma obra que confronte e discuta todos os métodos conhecidos para construir o dito objeto já apresenta algumas modestas pretensões à cientificidade (ECO, 2014, pp. 28-29, grifos nossos)

Na concepção do autor, não se trata de olhar o método como um roteiro acabado, mas indefinido. A definição metodológica (‘muito perfeita’- o tal método redondo e bonito) provoca no pesquisador inércia e *temeridade*. Lembrando que, para Aristóteles, o pesquisador temeroso é excessivamente ousado e imprudente, apegado as certezas.

Os métodos tradicionais canonizados e validados pela Ciência são aplicados para chegar a determinados resultados científicos. Mas, existem os métodos não tradicionais, que permitem um novo olhar sobre os fenômenos da comunicação, a partir de uma postura dialógica e próxima com os objetos. E, por sua vez, “a produção científica é, sem dúvida, um processo de comunicação, neste caso chamado de comunicação científica. [...] pois sem repasse, análise e validação da aplicabilidade de seus resultados pelos pares, não existe ciência (FERREIRA, 2008 p. 221).

Sendo a ciência uma (in)comunicação, sua matéria-prima são as possibilidades e contradições. O erro não invalida uma pesquisa, mas a negação do erro, em detrimento da positivação da verdade. Pesquisadores e pesquisadores deveriam permitir passar pois mais experiências de (in)certezas e (in)dignação. As tendências das Ciências da

Comunicação no Brasil têm refletivo na institucionalização da pesquisa sob a tutela dos ‘bons resultados’. Assume-se, portanto, nos programas de Pós-Graduação a missão tríplice da academia: produtividade, qualidade e assertividade.

Como constata o filósofo Byung-Chul Han, vivemos o pesadelo da ‘sociedade do cansaço’, ou ainda, ‘a vida acadêmica do cansaço’. Para Han (2015) é preciso romper com o ideal de sociedade disciplinar, marcada por comportamentos domesticados pela obediência. A sociedade do desempenho - (Capes 5,6,7; Revista A1, A2, A3) produz indivíduos/pesquisadores depressivos e humanamente fracassados, confortados com ‘teses premiadas’ e artigos publicados, como seduz a sociedade da positividade. A cura para essas enfermidades da vida acadêmica é vacina negativa - profilaxia imunológica.

O desaparecimento da alteridade significa que vivemos numa época pobre de negatividades. É bem verdade que os adoecimentos neuronais do século XXI seguem, por seu turno, sua dialética, não a dialética da negatividade, mas a da positividade. São estados patológicos devidos a um exagero de positividade (HAN, 2015, p. 14, grifos nossos)

Han alerta que o excesso de positividade tem causado doenças como infartos psíquicos, esgotamento mental e depressão intelectual. Trata-se de formas de violência corporal e psíquica estimuladas pelo imperativo do positivo e do desempenho. “A depressão é o adoecimento de uma sociedade que sofre sob o excesso de positividade. Reflete aquela humanidade em está em guerra consigo mesma” (Ibid., p. 29). Urge romper com o ideal positivista de uma liberdade paradoxal, em que o opressor é ao mesmo tempo o oprimido. Um alerta a comunidade científica: os métodos tradicionais de eficiência e da aceleração não produzem novos conhecimentos, apenas reproduzem teorias estéreis. O conhecimento leva tempo para desabrochar; uma lentidão necessária, acompanhada do ócio, da potência negativa e do compasso analítico. Depurar e descansar o saber.

Violando as regras: indignação

A vida científica parece uma máquina de desempenho. Há, portanto, uma inversão da origem do pensamento científico: pensar. A atitude reflexiva, contemplativa e analítica é o tripé constitutivo da postura dos primeiros filósofos. Hoje, vivemos uma inversão ao competir, correr contra o tempo e alimentar a engrenagem do sistema da produtividade acadêmica. Por outro lado, Feyerabend (1989) trata do *Contra o método*, em que observa que o progresso da ciência está associado mais à violação das regras do que à sua

observância. Essa mesma visão é comungada por Minayo (2016), ao compreender a metodologia para além das técnicas, do formalismo árido e respostas estereotipadas. Para a autora, as técnicas não devem ser ‘endeusadas’. “Seu desprezo, ou contrário, levo ao empirismo sempre ilusório em suas conclusões, ou a especulações abstratas e estéreis. Nada substitui, no entanto, a criatividade do pesquisador” (Ibid., p. 15).

[...] o papel da sociologia deve justamente consistir em libertar-nos de todos os partidos, não tanto opondo uma doutrina às doutrinas, mas fazendo que os espíritos tomem, perante estas questões, uma atitude especial que só a ciência pode dar pelo contrário direto com as coisas. Só ela, com efeito, pode ensinar a tratar com respeito, mas sem fetichismo, as instituições históricas, sejam elas quais forem, fazendo-nos sentir que o têm ao mesmo tempo de necessário e de provisório, a sua capacidade de resistência e a sua variabilidade (DURKHEIM, 2001, p. 149, grifos nossos).

Como na Sociologia, para além dos métodos não tradicionais, a Epistemologia postula princípios básicos para observar os fenômenos que configuram o mundo humano. Castro (2000, p. 166), com outros pesquisadores da área, formulam o modelo epistêmico: “[...] três métodos que entendemos como os mais pertinentes para a nossa proposta: o fenomenológico, o compreensivo e o dialético” (CASTRO et. al, 2000, p. 166, grifos nossos). No âmbito da fenomenologia, a coragem pode ser compreendida como um método com dimensões axiológica e afetiva.

A dimensão axiológica – os valores são inerentes à existência social e individual, e a dimensão afetiva – onde a trama subjetiva do ser humano tem caráter afetivo, [...] pelas emoções é envolvido e apanhado pela situação-estímulo, nos estados de ânimo se encontra numa certa afinação com o mundo [...] (DE CASTRO et. al, 2000, p. 168, grifos nossos).

Ou seja, por meio das relações comunicativas entre pessoas e com o mundo que o ser humano se transforma. Como observa Castro (idem), a existência social e individual de cada pessoa para pela esfera dos sentimentos, como a dimensão altruísta da coragem. Se seus meios-termos - confiança e medo; além dos opostos - audácia/temeridade e covardia. As coisas a temer são terríveis e podem ser qualificadas como males.

O homem teme a todos os males, e temer certas coisas é até justo e nobre – é vil não temê-las. Contudo, não se deve temer a pobreza ou a doença, nem aquelas coisas que procedem do vício ou aquelas que não dependem do homem. Para Aristóteles, “ninguém

censura os homens que são feios por natureza, mas censurados são aqueles que o são por falta de exercício e cuidado”⁹.

Pensando assim, é *covarde* aquele que não suporta os insultos ou a inveja como deve, ou ainda, aqueles que não praticam atitudes de coragem como um hábito. Ao covarde falta-lhe *confiança*, pois tem medo de tudo. É uma pessoa pessimista e sem *esperança*. Desistiu, sem ao menos tentar. É um fracassado por natureza. Para Santo Agostinho, a esperança tem duas filhas lindas: a *indignação* e a coragem. A *indignação* ensina não aceitar as coisas como estão; a coragem a mudá-las. Já Aristóteles dizia: a coragem é uma das principais qualidades humanas - meio-termo entre confiança e medo, é a partir dela que adquirimos todas as outras.

Medo e confiança

No contexto contemporâneo, o mestre espiritual Desai (2015) compreende o medo como uma *energia*, sendo uma experiência que move a existência, o ser. Vacas, ursos, cervos, leões, cavalos sentem medo, mas seguem em frente. Já os seres humanos não, acumulam (estocam) medos.

Claro, existe uma função evolutiva para o temor – afinal, ele nos ajuda a sobreviver -, mas nós o deixamos fazer o que bem entende conosco. E aí esse medo nos mantém presos no mesmo lugar [...] Precisamos encontrar nossa coragem, que, naturalmente, não é a ausência de medo, mas, sim, o desejo de ficar com medo e seguir em frente mesmo assim. O medo não mata ninguém. Ele é uma energia que podemos deixar passar através de nós (DESAI, 2015, p. 25, grifos nossos).

Aristóteles já havia dito isso. O medo não é ausência de coragem. Pelo contrário, a falta de medo deixa o homem confiante demais (*insensato*), podendo ser um perigo, pois “seriam uma espécie de loucos ou insensíveis se não tivessem medo de nada, nem de um terremoto, nem das ondas com conta os Celtas”¹⁰. Por isso coragem é meio-termo entre *medo* e *confiança*: equilíbrio dessas duas virtudes. Ter medo não representa covardia, pois “aquele que não experimenta nenhum medo não é também tão corajoso”¹¹. A coragem transforma o medo em força, resistência, altruísmo.

Aqui é preciso diferenciar o temerário e o corajoso. O *temerário* excede em confiança no que diz respeito as coisas temíveis. É considerado, ainda, um pretensioso,

⁹ É.N. III, 1114a, 22.

¹⁰ É.N. III, 1115b, 28.

¹¹ É.N. III, 1115a, 19.

já que o temerário deseja parecer corajoso, mas não o é. “[...] maior parte desse tipo de pessoa é *covarde* que se faz de bravo, pois embora sejam corajosas nessas situações, não se mantêm firmes por muito tempo contra as coisas que temem¹².

Portanto, é oportuno retomar a etimologia de *coragem*, em sua origem no Latim: *CORATICUM*. Este termo latino é composto por *COR*, que significa *coração* e o sufixo-*ATICUM*, que é utilizado para indicar uma ação referente ao radical anterior. Pode-se dizer que pessoas corajosas agem com o coração e com a razão – seu equilíbrio, sensatez. Como recorda Aristóteles, a pessoa corajosa só enfrenta o perigo quando é necessário. Não o procura, mas é capaz de o enfrentar.

Ser corajoso não é a mesma coisa que não ter medo. É ter medo, mas, ainda assim, aguentar firme, porque é correto e belo aguentar. Ser corajoso não é, também, ser capaz de enfrentar os perigos que estão longínquos ou que não estão para breve. É ser capaz de aguentar e suportar os perigos que estão próximos e que estão a chegar¹³.

Todas essas ações de coragem exigem do homem, *perseverança*, ou seja, capacidade de enfrentar algo moralmente árduo. Assim, adquire-se o hábito da coragem, que, depois, ajudará a realizar atos corajosos. Para Aristóteles, em “Ética a Nicômaco”, as virtudes éticas se aprendem da mesma maneira como se aprendem as diferentes artes, que também são hábitos. Coragem deve ser um exercício diário, de coração. É por meio da Educação que se formam os corajosos. Seus opostos são a temeridade e a covardia.

O bravo e o temerário

A *bravura* relaciona-se com as coisas mais nobres, como a morte dos soldados na guerra. Bravo é aquele que se mostra destemido em face a uma morte honrosa. Os bravos, embora temam aquelas coisas que estão acima das forças humanas, caracterizam-se por enfrentá-las como se deve. Mas aquele que diz não ter medo, que é insensível ao que realmente é terrível, é o homem temerário; ele é um simulador de coragem, porque deseja parecer corajoso.

Em contrapartida, aquele que excede no medo é covarde, porque ele teme o que não deve temer, falta-lhe confiança e é dado ao *desespero* por temer certas coisas. A covardia e a temeridade são a carência e o excesso e, a posição correta, é a bravura. Quem

¹² É.N. III, 1115b, 34.

¹³ É.N. III, 1191a, 30.

tem coragem, possui *bravura* – *senso de moral* intenso diante dos riscos ou do perigo e, também confiança – força espiritual para ultrapassar uma circunstância difícil.

Ao longo da história é possível encontrar diferentes ícones, que tendem a representar a figura de bravura, ideais de coragem. Geralmente, esses personagens ganham vida na ficção, sendo adotados como inspiração na vida real. Faça um exercício simples: pense em um personagem ‘supostamente’ corajoso da literatura ou do cinema que marcou sua vida. É possível citar diversos deles como Wolverine, Hulk, Chuck Norris (*Comandante Delta*), John McClane (policial, personagem fictício interpretado pelo ator Bruce Willis), rei Davi, que enfrentou o gigante filisteu Golias, Jeanne D’Arc; MacGyver, Katniss Everdeen (*Jogos Vorazes*), Sarah Connor (*O Exterminador do Futuro*), Hannibal Lecter, etc. São realmente corajosos ou temerários?

Diante do conceito de *coragem* de Aristóteles, esses guerreiros da ficção não passam de *temerários*, pois excedem em confiança no que diz respeito as coisas temíveis, agem com temeridade – ousadia excessiva; imprudência – sentimentos opostos a coragem. É um tipo de homem “[...] considerado ainda como um pretencioso, e que se dá ares de coragem; o que o homem corajoso é em relação às coisas temíveis, o temerário deseja parecer”¹⁴. A humildade é característica da pessoa corajosa (ECO, 2014).

Quais as qualidades do homem corajoso? Só a experiência do perigo permite dizer se uma pessoa é corajosa ou não: diante do perigo e tais circunstância, o corajoso se revela. Mas, não são perigos longínquos ou que não estão para breve. O homem corajoso é capaz de aguentar e suportar os perigos eminentes, no aqui e agora – próximos.

No Brasil, por exemplo, a figura destemida do Capitão Nascimento ficou conhecida no filme “Tropa de Elite 2”. A lenda, interpretada por Wagner Moura, mostrou a coragem de um policial, ao enfrentar o sistema de corrupção brasileiro. Na visão de Morin (1997, p. 15), “a cultura nacional, desde a escola, nos imerge nas experiências mítico-vividas do passado, ligando-nos por relações de identificação e projeção aos heróis da pátria”. O dilema de educar ou da própria Educação é ato de heroísmo. O movimento democrático do saber inclui e oferece oportunidades de transformação. Por isso, professores são grandes heróis e heroínas da história da humanidade.

Os docentes, pesquisadores e cientistas são cidadãos-soldados – assim como o Capitão Nascimento, e possuem a coragem como uma grande virtude. “Os cidadãos-

¹⁴ É.N. III, 1114a, 22.

soldados, de fato, parecem enfrentar os perigos por causa das penalidades provenientes da lei, das recriminações se assim não agissem e, também, por causa das honras que lhes distinguem por sua ação”¹⁵. Em pesquisa realizada, em 2012, sobre a *Produção e difusão: a incidência do pensamento comunicacional latino-americano em referenciais teóricos*, constatamos dez cidadãos-soldados e soldadas que, corajosamente, lutam e lutaram para institucionalizar as Ciências da Comunicação na América Latina:

Tabela 1. Dez autores mais referenciados no ALAIC 2012

1º. Jesús Martín-Barbero	Espanha
2º. Manuel Castells	Espanha
3º. José Marques de Melo	Brasil
4º. Luiz Beltrão	Brasil
5º. Eliseo Verón	Argentina
6º. Inesita Soares de Araújo	Brasil
7º. Néstor Garcia Canclini	Argentina
8º. Alejandra Vargas Garcia	México
9º. Affonso Dragon-Gumucio	Bolívia
10º. Efendy Maldonado	Equador

Fonte: Elaborada pelo autor, com dados da ALAIC, 2019

Entre os corajosos estão os brasileiros José Marques de Melo, como o terceiro autor mais citado em pesquisas científicas na América Latina, seguido pelos teóricos Luiz Beltrão e Inesita Soares Araújo. Naquele momento, o cenário tinha prevalência dos homens. Mas, sem dúvida, após sete anos, teríamos outros resultados, tendo em vista o crescimento do corajoso protagonismo das mulheres nas Ciências da Comunicação.

Para Aristóteles, as virtudes são tanto meios quanto disposições de caráter, possuem suas naturezas e se relacionam com diferentes tipos de objetos. Sendo assim, os exemplos de homens e mulheres corajosos, retratados acima, são vistos por Aristóteles como aqueles que suportam mais intrepidamente os perigos. O esquema abaixo aproxima as ideias de Aristóteles e Han (2015). Desta forma, é possível pensar a sociedade da negatividade, como meio termo entre confiança e medo – tendo a coragem como virtude. Já a sociedade da positividade é orientada pelos comportamentos viciados/vícios, na qual prevalecem a temeridade e a covardia, sendo essas as estratégias da tirania.

¹⁵ É.N. III, 1116a, 19.

O método da coragem (em Aristóteles)

Negatividade		Positividade	
Esfera de ação e das emoções	Virtude (meio termo)	Vício por excesso	Vício por deficiência
Medo	Coragem	Temeridade	Covardia

Fonte: Quadro elaborado pelo autor, 2019.

Conforme a ilustração acima, o homem que age com temeridade, tem conduta ousada excessiva – imprudência. O covarde, com conduta moderada, age com receio as coisas erradas. Portanto, o medo na esfera das emoções, potencializa atitudes de coragem, e, por sua vez, comportamentos éticos e morais – sendo virtudes da pessoa corajosa. A pesquisa é a construção de caminhos balizados pela ética e ciência da vida. Cabe aos pesquisadores “tomar consciência de suas responsabilidades diante de suas próprias descobertas, diante da regulamentação em vigor e de sua ética [...] devem encontrar as soluções o menos tecnocráticas possível [...]” (NAQUET, 1998, p. 194, grifos nossos).

Algumas considerações

O presente texto oferece apontamentos para um debate, diante de um contexto antidemocrático para a Educação Pública e Ciência no Brasil. A gênese da tirania se constitui a partir da hiperdemocracia patológica e fetichista. Como previa a Teoria da Política Grega, a tirania trata-se de um quarto tipo de corrupção, oprimindo o povo. A democracia caótica marcada pela fraqueza está no esvaziamento e ataques ao pensamento livre e as diferentes formas de produção de conhecimento, como a pesquisa científica. Platão já dizia que o governo tirano (o capitão) é mais forte do que todos os demais tripulantes, mas é surdo e míope, e não conhece a arte da navegação. “Dominado pelos tripulantes em revolta, é obrigado a ceder o leme a um ‘capitão’ improvisado, que o ocupa pretextando que a arte de navegar [...] não pode ser ensinada” (BARKER, 1978, p. 247).

Portanto não é a força que vence a guerra, mas a arte de guerrear. Navegar em mares agitados e turbulentos exige coragem, medo e esperança. Torna-se um método necessário diante da tirania que se instala nos gabinetes do poder ‘improvisado’. Nesta arena de jogos, debates e lutas, é preciso desenvolver a arte da guerra, não com armamentos bélicos ou canhões, mas com a arma do conhecimento – pesquisas, estudos, livros, diálogos; por meio da missão virtuosa dos professores, escolas e universidades.

A América Latina é especialista em derrotar tiranos, pois conta com a coragem de um povo que não foge à luta. Diferente dos covardes, sem esperança; o cidadão corajoso sempre terá disposição para a esperança e humildade. O triste momento da vida do Brasil, não diferente de outros bem piores como o Golpe Militar de 64; o impeachment da primeira mulher presidenta do Brasil, Dilma Rousseff; e a prisão política do maior líder político da história, o metalúrgico e presidente, Luiz Inácio Lula da Silva, só reafirmam a identidade de uma nação que não se cala, não arreda os pés e luta por justiça e pelo bem comum. Como pode o tirano tentar subverter um povo que traz nas veias o sangue de resistência, dignidade e coragem? Não é possível por questão de valores morais próprios de uma gente com a força, determinação e raiz latino-americana. Já nascemos lutando, e tudo em nossas vidas é conquistado com muitos esforços. Não é agora que vamos ceder aos ‘terrores’ de uma capitania enfraquecida moralmente.

A Educação continua sendo a arma mais poderosa para vencer os tiranos. As salas de aulas (para além das estruturas) são espaços e praças do intercâmbio do saber. Cabe, então, parar de dar ouvidos aos ignorantes. A morte do tirano é certa. Ele mesmo se autodestrói, pois não conhece a arte de navegar – ou melhor, não exercita a ‘arte do pensar’. As Ciências da Comunicação no Brasil e na América Latina não devem cair nas tentações medíocres de uma república invertida. Como alerta Byung-Chul Han, essa violência da positividade e das soluções fáceis causam adoecimentos. A profilaxia imunológica advém das alteridades de vozes, da subversão e transgressão do pensar, próprios da dialética da negatividade. A Ciência deve superar o ‘estereótipo produtivo’.

Mas, então, como medir a qualidade do pensamento científico? Não medindo. O saber científico tem força autopoietica. É natural que um saber seja reconhecido por gerar novos saberes. A eternização do pensamento, das teorias e das descobertas sobrevivem ao tempo, não apenas pela difusão de seus conteúdos, mas por meio dos encontros entre os pensadores. Um livro bom não é necessariamente o mais vendido. A melhor teoria não é a mais utilizada nas teses e dissertações. O teórico mais importante não é o citado por todos. Na verdade, o conhecimento empírico - força viva, tem dinâmicas próprias de autodesenvolvimento. Uma vez externalizado (escrito, registrado, proferido), o pensamento científico, carregado de energia vital, não se prende a estruturas mortas ou estéreis. Por sua natureza orgânica, o conhecimento, inerente a vida, flui por caminhos não determinados, já que sua essência é a liberdade. E, a liberdade do pensar e do aprender estão intimamente ligadas à coragem, como ensina a Pedagogia Crítica de Paulo Freire.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Martin Claret, 2015.
- BARKER, Sir Ernest. **Teoria política grega** – Platão e seus predecessores. Trad. de Sergio Fernando Guarischi Bath. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1978.
- CASTRO, Dagmar Silva Pinto de (Org.) **Fenomenologia e análise do existir**. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo: Sobraphe, 2000.
- DE MORAIS, Osvando J. (Org.) **Tendências Atuais da Pesquisa em Comunicação no Brasil**. Coleção Verde-Amarela. Vol. 3 – Os Raios Fúlgidos. São Paulo: Intercom, 2008.
- DESAI, Panache. **A identidade da alma**. Trad. Leila Couceiro. Rio de Janeiro: Sextante, 2015.
- DURKHEIN, Émile. **As regras do método sociológico**. Tradução: Pietro Nassetti. São Paulo: Editora Martin Claret, 2001.
- ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. Tradução: Gilson Cesar. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação**. Org. Rafael Cardoso; Tradução: Raquel Abi-Sâmara. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- GOBBI, Maria Cristina (Org.) **Ciências da Comunicação no Brasil Democrático**. Coleção Verde-Amarela. Vol. 4 – As Margens Plácidas. São Paulo: Intercom, 2008.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Trad. Enio P. Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- KIRK, Russell. **A Política da Prudência**. Tradução: Gustavo Santos; Márcia Xavier de Brito. São Paulo: É Realizações e Edições Loyola, 2013.
- MARCONDES FILHO, Ciro (Org.) **Dicionário da Comunicação**. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2009.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.
- MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no Século XX – O Espírito do Tempo 1 – Neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- _____. **A religião dos saberes: o desafio do século XXI**. Tradução e notas: Flávia Nascimento. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- PARROTT, Les. **Você é mais forte do que pensa**. Trad. Daniele Pereira. 2ª impressão. CPAD, Rio de Janeiro, 2014.
- SLOTERDIJK, Peter. **O Zelo de Deus: sobre a luta dos três monoteísmos**. Tradução: Nélio Schneider. São Paulo: Editora Unesp, 2016.